

FUNES, O IDEAL KÖNIGBERGIANO E AS BIBLIOTECAS INFINITAS DA WEB - ALGUNS SITES E INSIGHTS NA PRODUÇÃO DE SITES EDUCATIVOS NA UFRN - *

Muyrakitan Macedo**

Antecipações preciosas a literatura nos têm feito visto que outros dispositivos de interpretação do mundo como a ciência e a filosofia, muitas vezes não conseguem equacionar na língua dos homens problemas que a sensibilidade estética revela com nuances abismais. As metáforas e parábolas do chamado realismo fantástico que advém da linhagem kafkiana e borgeana são ricas em imagens enunciativas dos modernos tempos labirínticos.

Funes, o memorioso, personagem de J. L. Borges que sofria da compulsão de lembrar tudo, das ranhuras aleatórias das paredes, ao mundo diverso das fisionomias e sotaques, entraria imediatamente em colapso no mundo contemporâneo, como terminou vagarosamente morrendo no seu⁷³. Camadas e mais camadas de informações cobrem e correm as infovias num vertiginoso *rally* digital a nausear qualquer humano que tivesse um minuto de Funes. Impossível lembrar da exuberância de dados que nos bombardeiam segundo a segundo.

As metáforas de Funes e a da aldeia parecem perseguir o ideal cibernético das infinitas *highways* digitais. Universo da compacta convivência, a aldeia é um microcosmo social cujas relações informacionais dão-se em tempo real: o tempo da vida e da morte, ritmado pelo sino da igreja e a auto-suficiência do saber local acerca de tudo e de todos, com seus vigilantes aldeãos espreitando os ruídos da informação em suas janelas. Nada poderia dar mais materialidade a essa metáfora que a aquela Königberg, cidade natal de Kant. O filósofo alemão não precisou deslocar-se (fisicamente, como se diz hoje na realidade virtual) nenhuma centena de quilômetros das *limes* da sua pequena cidade para produzir um dos maiores artefatos do

* Texto apresentado na mesa-redonda "Novos Registros e Metodologias Contemporâneas na Produção do Conhecimento Histórico", da qual participaram a Profa. Dra. Selva Guimarães (UFU) e o Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr. (UFPB).

** Prof. do Departamento de História/UFRN.

⁷³ Ver BORGES, J. L. "Funes, o memorioso". In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Globo, 1999. pp. 539-545.

espírito humano. Primor da reflexão e da crítica a obra kantiana firmou-se sem que o débil corpo do pensador viajasse, salvo pelos vôos do pássaro de minerva. Assim, Königberg confere essa imagem de mônoda auto-suficiente, espaço relacional com racionalidade própria e imediata que se basta como fonte de saber.

Vivemos em um mundo onde os territórios tangíveis cada vez mais respondem por nomes imateriais, daí porque Italo Calvino instituiu a Leveza como outra das paradigmáticas metáforas do presente milênio⁷⁴. Se os signos da modernidade industrial eram as pesadas máquinas fabris, ferrovias e navios a vapor, a nossa época é regulada por *softweares* cuja imanência são os *animas* de nossas toscas CPUs. Mercadorias que se apresentavam *em carne e osso* aos seus consumidores hoje espremem-se nas fibras óticas em inefáveis bits⁷⁵.

Diante de todas essas penúltimas versões da realidade, tentamos antenar determinados procedimentos da educação formal às tendências atuais da conjuntura digital. Tal atitude não surge do modernoso impulso contemporâneo pelo *fashion* efêmero. Mas, por situações concretas que nos exigiam urgência na democratização das informações geradas no mundo acadêmico da pesquisa, extensão e ensino universitários.

No entanto, embora tenhamos impressão de que tudo que existe é passível de ser encontrado na WEB, pequenos nichos ainda precisam ser explorados. Nossa “aldeia”, por exemplo, na WEB por vezes está tão distante quanto a Ursa-Maior. Incomodava-nos que a memória local e regional fosse praticamente esquecida num meio que foi confeccionado para lembrar.

O espaço de onde partimos desenha-se nas salas de aula da UFRN – Campus de Caicó. Como professores dos cursos de História e Pedagogia, e formando professores e pesquisadores, demo-nos conta das solicitações do tempo. Por um lado, existia a demanda pela História do Rio Grande do Norte gerada pelo ensino médio, que era atendida por algumas publicações impressas, mas na Internet, a maior parte das referências didáticas, quando existiam, eram as mais obsoletas possíveis: personagens, cronologia, toponímia etc. Faltava uma ação que sistematizasse o saber acadêmico em sua forma mais

⁷⁴ Ver CALVINO, I. “Leveza”. In: _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. pp. 13-41.

⁷⁵ Ver NEGROPONTE, N. *A vida digital*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

atualizada, para um público internauta de estudantes e pesquisadores igualmente atualizados.

E aqui um desafio. Como produzir sites educativos a partir da UFRN, articulando o ensino, extensão e pesquisa? Tínhamos o mais valioso dos materiais para enfrentar a encruzilhada: pessoal habilitado e motivado para a empreitada.

As adversidades eram patentes, mas partimos justamente daí. Nossa experiência docente identifica que alguns instrumentos didáticos, quando superexpostos, perdem o fio de corte. O famigerado fichamento de conteúdo bibliográfico é um deles. Os pesquisadores sabem muito bem do valor dessa técnica de coleta de dados, no entanto, sua vulgarização nas universidades fez com que sua utilidade no meio discente fosse sinônimo de um castigo de verificação de leitura. Mas, havia uma forma de torna-lo produtivo: transforma-lo em hipertexto e lançar os alunos na experiência da autoria acadêmica.

Pensamos então em uma estratégia para articular conteúdo e recursos didáticos na sala de aula. Passemos então aos passos da metodologia de elaboração dos hipertextos e de sua formatação para *WEB*:

1. A pesquisa de textos

Para a confecção da página necessitamos primeiramente de textos sobre a História do Rio G. do Norte. Tais textos foram em parte produzidos pelos alunos da disciplina de História de Rio Grande do Norte I e II. Foram solicitados resumos dos tópicos lecionados no decorrer do programa da disciplina, textos pesquisados em bibliografia indicada previamente. Foi realçado que o formato do texto deveria ter como características principais a leveza, a clareza e a fluidez. Tais textos, que cobrem todo período colonial, Império e República eram entregues em disquetes.

2. A concepção e a confecção do Hipertexto

A partir desses textos, procedemos uma primeira oficina de produção de hipertexto. O primeiro passo foi demonstrar – ainda sem o computador ligado à Web – alguns conceitos básicos do hipertexto (navegação, links, html, imagem, etc). Depois executamos uma oficina virtual utilizando a rede de computadores instalada no Laboratório de Computação do CERES, para fixar os conceitos fundamentais do hipertexto e procedermos as primeiras pesquisas de imagens sobre o RN.

3. *Espaço interativo*

A construção desse espaço foi de responsabilidade do *Seridó On Line*, os alunos e o coordenador do projeto somente contribuíram na alimentação de um banco de dados sobre questões de vestibular sobre História do RN. Os demais programas de interatividade foram instalados também pela Seridó On Line, como a Busca, Livro de Visitas e Testes.

4. *Publicação na WEB*

Tão logo a arquitetura da *site* e modelo de navegação foram acertados com o provedor-parceiro, publicavam-se os textos na página.

5. *Avaliação do Projeto:*

Um instrumento de avaliação muito poderoso e eficiente foi o espaço interativo criado na *página*. O *guest book* colheu informações sobre o nível de satisfação do usuário e opiniões que tornaram o site mais ágil, eficiente e informativo. Outro índice avaliativo foi a estatística de acesso à home page, dada por programa dedicado a esse fim.

A cada tópico da disciplina História do Rio Grande do Norte que lecionávamos no Campus de Caicó, pedíamos sobre o assunto, um texto e imagens escaneadas de época. Por outro lado, fizemos uma parceria com o provedor local da Internet, a Seridó On Line (www.seol.com.br) que bancou a construção do site, segundo a arquitetura que montamos para acesso ao conteúdo. Numa mesma ação tínhamos conseguido conectar coisas nem sempre óbvias nas universidades: atividades de ensino, extensão e pesquisa. O Projeto “A História do RN n@ WEB” pode ser acessado no endereço a seguir: www.seol.com.br/rnnaweb.

O site transformou-se num mini-portal para a História do Rio Grande do Norte. Um conteúdo que informa sobre Pré-História, Colônia, Império e República sempre baseado em um enfoque metodológico e bibliografia contemporâneos. Há ainda espaço para uma biblioteca com textos acadêmicos originais e notícias das últimas publicações sobre a historiografia regional. Recebemos acesso de pesquisadores de universidades brasileiras e estrangeiras, alunos de escolas de ensino médio do RN e pessoas que nos acessam, antes ou depois de fazer turismo pelo nosso estado.

A parceria entre professor, alunos e provedor continuou em outras iniciativas. Catálogos de documentos históricos, produzidos pelos alunos já se encontram disponibilizados no site do LABORDOC (Laboratório de Documentação Histórica) do CERES/Campus de Caicó. Um vasto e riquíssimo acervo documental da região do Seridó, que vai do século XVII ao século XX, pode ser acessado por pesquisadores, no seguinte site: www.seol.com.br/labordoc.

Por fim, a revista virtual de humanidades MNEME, com conselho editorial de três universidades (UFRN, UFC, UFPB) e indexada com ISSN. Tal publicação rompe com os descaminhos das revistas científicas que esperavam uma infinidade de tempo por publicação. Custo operacional baixíssimo, abrangência internacional, interatividade e circulação das informações em tempo real. Tudo o que uma revista científica precisa em uma época de celeridade informacional, bastando teclar www.seol.com.br/mneme.

A despeito de todas essas iniciativas a todo o momento nos deparamos com problemas que parecem ser a natureza dos registros no mundo físico: a forma estática das informações. A arquitetura das novas tecnologias aplicadas, particularmente, ao ensino de História, ainda não atingiram um nível de interatividade que me parece ser uma das características fundadoras da WEB. Encontramo-nos ainda diante do impacto do “horizonte técnico” das tecnologias informacionais sem que se mostrem alternativas realmente inovadoras.

Flora Sússekind, em *Cinematógrafo de Letras* (1987), analisa a recepção que teve a técnica industrial na invenção literária pré-modernista brasileira⁷⁶. Propõe que tais relações se davam por imitação dos procedimentos daquela técnica (descrições próximas ao relato fotográfico ou sonoro), por estilização (reelaboração) ou deslocamento (no tempo e no espaço). Tais paradigmas do confronto com novas técnicas podem ser observadas na busca de uma linguagem digital que cobra interatividade, instantaneidade e a exuberância quase infinita de informações.

Parece-nos que ainda não encontramos o fio da meada da linguagem dinâmica dos sites. Ora imitamos o mundo físico, ora estilizamos-no, ora deslocamos seus procedimentos. Os hipertextos ainda estão engessados como textos impressos. Esses últimos não têm nenhum problema em existirem dessa forma no mundo físico. No

⁷⁶ Cf. SÜSSEKIND, F. *Cinematógrafo de letras – Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

entanto acertar o passo com o novo meio ainda é um desafio. A Internet exige outra linguagem, da mesma forma que o cinema encontrou a sua superando em seu meio a imitação do teatro, e a televisão libertou-se da vocalização e postura da radiodifusão.

Daí por que é pertinente a pergunta utópica (é assim que ele a define), de Pierre Levy ao propor, uma imaginação artificial: “*por que não inventar uma escrita em fase com a nova ecologia cognitiva da era audiovisual?*” e mais adiante ela propõe a

*ideografia dinâmica [visando] uma linguagem que seria inimaginável antes do desenvolvimento da microinformática convivial; uma linguagem intrinsecamente ligada às capacidades de memória e interação dos computadores contemporâneos, que só alcançará sua plena dimensão na futura rede digital integrada de banda larga.*⁷⁷

Esse são os novos desafios aos quais não tenho dúvida de que serão equacionados. Por enquanto, é arregaçar as mangas e trabalhar muito para que exista uma real democratização das informações, em um suporte técnico ainda é socialmente excludente. Mas é isso, quem não é Funes, caça com sites... e insights .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, J. L. “Funes, o memorioso”. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Globo, 1999. pp. 539-545.
- CALVINO, I. “Leveza”. In: _____. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia das Letras, 1996. pp. 13-41.
- LÉVY, P. **A ideografia dinâmica – rumo a uma imaginação artificial ?** São Paulo: Loyola, 1998.
- NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- SÜSSEKIND, F. **Cinematógrafo de letras – Literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

⁷⁷ Cf. LÉVY, P. **A ideografia dinâmica – rumo a uma imaginação artificial?** São Paulo: Loyola, 1998, pp. 16-17.